



# O Cotidiano de um Galpão de Reciclagem: notas de pesquisa

Vinícius Lima Lousada

**RESUMO - O Cotidiano de um Galpão de Reciclagem: notas de pesquisa.** O presente texto trata de uma reflexão a partir da pesquisa que realizo com recicladores em uma associação de reciclagem, na periferia urbana de Porto Alegre/RS, em função de minha proposta de tese de Doutorado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim, trago alguns registros e análises cujo mote é a minha inserção em campo que faz ver as ambiguidades, as contradições, e a diferença no cotidiano do galpão. Igualmente, apresento singelo recorte de tramas e manhas vividas nesse grupo, cuja perplexidade ante a complexidade aponta ao pesquisador a necessidade da adoção de uma sociologia das ausências e das emergências, a fim de contribuir com a investigação nesses grupos de reciclagem.

Palavras-chave: **Recicladores. Sociabilidades. Sociologia das ausências. Sociologia das emergências.**

**ABSTRACT - The Daily Life of a Recycling Shed: research notes.** This text is a reflection from the research that I have done with recyclers in the recycling association, in the urban outskirts of Porto Alegre/RS, according to my proposal for a doctoral thesis, under Program of Graduate Studies in Education at the *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. So, I bring some records and analyses based in my insertion in the field which makes me see the ambiguities, the contradictions, and the difference in the daily life of the shed. Also, I present a simple cutting of dramas and cunningings lived in this group, whose perplexity about the complexity points out the researcher to the need of adopting a sociology of emergences and a sociology of absences to contribute to the research on these recycling groups.

Keywords: **Recyclers. Sociability. Sociology of absences . Sociology of emergences.**

*O homem comum dividido, impotente em face dos poderes que cria, não cede à inércia das forças que procuram reduzi-lo à condição de coisa: imagina, fabula, interpreta, cria ou preserva, recriando ritos e procedimentos cotidianos. - José de Souza Martins (2008, p. 14)*

### **A título de introdução ao tema**

Curioso o exercício da escrita sobre o vivido, não é? Ele pede um distanciamento, um olhar distante que não deixa de implicar, apesar da distância temporal, a presença daquele que observa a si mesmo, a sua ação com os outros e as outras. Esse trabalho de mirar de dentro e de longe o que foi vivido no cotidiano da intervenção da pesquisa ou da ação educativa exige certa disciplina, disponibilidade de repensar e ressignificar mesmo fatos, gestos, lembranças, momentos e, até mesmo, como acabam nos remetendo os textos de Martins (2008): cheiros, odores e sons.

O processo de escrita e de partilha desse tipo de produção reflexiva, seja em um texto para essa Revista, seja em outra modalidade comunicativa da vida acadêmica, consiste em um necessário momento, para que o pesquisador reoriente seu trabalho no sentido de uma constante disciplina intelectual, procurando organizar os dados que recolhe em suas reiteradas intervenções, pensando-os, categorizando-os conforme as temáticas que emergem – percebidas nas observações no campo empírico e devidamente anotadas no caderno de campo. Cabe-lhe, no ato de comunicar parcialmente seus estudos, buscar conexões com autores e com outras produções que se voltem ao objeto em que centra a pesquisa que realiza para, adiante, finalizar sua produção e comunicar aos outros os resultados finais obtidos – os sujeitos da pesquisa e seus pares do meio acadêmico.

Assim, a escrita e a comunicação de dados parciais de nossas pesquisas, em artigos, parecem ser mesmo uma prática de pensar a pesquisa, de uma práxis indicativa de ajustes, de retomadas, de paradas obrigatórias em que ao se debruçar sobre suas referências teóricas, que estão em sintonia com sua investigação, o pesquisador pode descortinar possibilidades criativas nesse quefazer de capturar registros, de anotar informações, de conviver e de intervir. Lembro de que toda ação de pesquisa é por si própria uma forma de intervenção e interação, em que se estabelece uma relação de interdependência simbólica no jogo relacional entre pesquisador e os atores sociais implicados no campo empírico.

Não estou falando, aqui, daquela forma de intervenção oriunda de uma pesquisa, que se faz mera porta-voz da opção político-partidária do pesquisador ou dos grupos sociais pesquisados, o que comprometeria a profundidade da análise sociológica, em função do enquadramento do recorte, que faz da vida cotidiana desses grupos em suas próprias perspectivas, consagrando-se,

pura e simplesmente, à confirmação de suas teses. Refiro-me a um elemento essencialmente presente no ato de pesquisa: adentrar ao campo empírico e participar do cotidiano dos sujeitos para, no diálogo e na convivência com eles, atender às questões que o problema de pesquisa apresenta ao pesquisador.

O lugar de onde escrevo o presente texto tem um ponto de partida encarnado na prática de pesquisa<sup>1</sup> e na ação educativa de caráter popular e ambiental<sup>2</sup> e, por isso, nessa produção escrita são trazidos à tona alguns registros de campo, oriundos de meus reiterados trânsitos pela Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta, na Zona Norte de Porto Alegre/RS. Aliás, esse é o propósito desse artigo: partilhar parte de elementos empíricos e análises da pesquisa, iniciada em setembro de 2007, junto ao cotidiano de trabalho dos recicladores da referida Associação. Assim, trata-se de uma produção que visa a socializar com a comunidade de pesquisadores em Educação dados de uma pesquisa em processo.

Algo digno de nota consiste na prática colaborativa de nosso atual grupo de pesquisa<sup>3</sup> presente nessa associação. Além de intervenções planejadas em grupo, sobretudo em reuniões, festividades, mutirão e etc. com o coletivo de recicladores, os nossos registros de campo são partilhados por e-mail, compondo um diário de campo virtual e em comum, o que denota, de minha parte, a busca pela troca criativa e o desejo de não me seduzir pelo primeiro olhar sobre o manifesto, mas de elaborar uma capacidade interpretativa dialógica quanto ao universo simbólico e à singularidade cultural daquele grupo de homens e de mulheres que sobrevivem da reciclagem de resíduos sólidos.

## O campo da pesquisa

Essa Associação (Galpão) existe desde o ano de 1993 e foi gerada como parte de um *macroprojeto* da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, visando ao reassentamento urbano, apartado das denominadas zonas de risco da Capital, articulando a questão da moradia e da geração de renda. A população que vivia nos arredores do muro que separava a Avenida Sertório dos arredores do Aeroporto Salgado Filho, e que dava conta da sobrevivência a partir da relação com o lixo, foi transferida para a Zona Norte da cidade, para as proximidades de um conjunto habitacional. A construção das casas se deu de modo *germinal*, com a possibilidade de inserção de outras peças segundo as formas de apropriação e as necessidades dos residentes.

Na atualidade, contando com trinta e sete associados, o Galpão se mantém com a contribuição financeira do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) da Cidade de Porto Alegre e, sobretudo, com o produto das vendas de material reciclável, separado e classificado conforme a sua natureza, para clientes fixos e outros alternados, permitindo assim a manutenção da partilha dos recursos econômicos obtidos, para fins de pagamento de salários aos associa-

dos conforme as horas trabalhadas, e o pagamento de despesas não previstas no recurso repassado pelo DMLU.

### **Do diabólico que dialoga com o simbólico: apenas uma metáfora?**

Quando penso na profusão de contradições e ambiguidades que se apresentam no cotidiano do Galpão, como um microrrecorte interdependente do tecido social e cultural em que nos movemos, fico perplexo. A A. R. E. Rubem Berta se configura em um fragmento sociocultural singular, repleto de similaridades com a totalidade de circunstâncias não-lineares da complexidade da sociedade, impassíveis de *congelamento* em uma perspectiva sociológica fechada – aquela procura impor um enquadramento teórico de forma estática ao dinamismo social, como por exemplo, nas análises macrossociais a partir de pequenos grupos.

Dialogam no Galpão diferentes ritmos, tempos, imagens, informações no *disse-que-me-disse*; a reinvenção cotidiana do presente junto da *briga* pela mesmice conservadora; as vivências e as identidades múltiplas das recicladoras e dos recicladores como indivíduos que atravessam a vida e o trabalho coletivo, convivendo com a autonegação afirmativa de reciclador, os humores e os amores que afetam a produção, as horas de lanche, as configurações dos grupos que partilham comida e confidências e que, por causa de um simples gesto, de uma palavra, de um olhar ou até mesmo pelo silêncio, se distanciam, dando origem a novos grupos de convívio, desenhando aos olhos do pesquisador, jeitos de se definir as sociabilidades nas classes populares, que merecem atenção, escuta e análise, ao invés de mero ajuste ao plano teórico de que dispõe.

O diálogo entre o diabólico e o simbólico, como categoria metafórica, se insere aqui como um exercício para entender as ambiguidades e as contradições, que emergem das realidades que se apresentam na vida no Galpão e que, por motivos variados, certamente estão marcadas por uma sedução subjetiva como critério de escolha. Uma sedução originada na inquietação que essas ocorrências, gestos e falas provocaram em mim mesmo.

Parece-me dispensável recorrer a uma descrição do mito que tomo de empréstimo de um dos escritos de Boff (1998), muito embora, seja necessário elucidar que o teólogo se utiliza dessa metáfora de matriz africana para descrever, poeticamente, esse combinatório presente na condição humana, entre inacabamento (ser mais) e limites, a sua dimensão de abertura ao inusitado, ao cosmos, e de enraizamento na rotina e no local, não nos permitindo na interpretação da realidade – marcada pela condição humana, na sua feitura e interpretação – um olhar binário que se detenha no *bem contra o mal*, mas, na fecundidade do contraditório e do combinatório entre as contradições. Enquanto pesquisador, inserido em um galpão de reciclagem na periferia urbana de Porto Alegre/

RS, me situo como aprendente desse modo de olhar o campo de pesquisa. E, assim, em minhas idas e vindas ao campo, recordo do estudo de Sá (2006, p. 189) que afirma ser o pesquisador “duplamente aprendiz”, pois, em razão de sua transcendência ontológica, transita em diferentes mundos sociais, aprendendo de seus *mestres no campo* tanto quanto de seus mestres acadêmicos.

Retornando à metáfora, deve ficar clara a razão de utilizar categorias como *diabólico* e *simbólico* para orientar a escrita desse texto. Para tanto, recorro à origem filológica dessas palavras, onde vamos identificar que a palavra *simbólico* tem o sentido de *lançar junto*, enquanto *diabólico* consistiria em *lançar para longe*, em separado. Logo, o *simbólico* da realidade do Galpão consistiria naquilo que, na minha leitura, agrega as pessoas e articula a ação educativa e investigativa: o convívio humano, a festa, a partilha de bolinhos empapados de óleo com café preto, sorrisos, trabalho coletivo, etc. Aquilo que produz afetos, estrutura confiança mútua, provoca amorosidade e diálogo. É, finalmente, o que vincula o grupo, como dizia uma das recicladoras em uma reunião: *aqui é que nem família*. Certamente, um núcleo de sociabilidades em grupos cujas configurações são as mais variadas, cuja coesão se estabelece por múltiplas demandas e desejos, de forma flexível, sujeita à reversibilidade pela vontade e segundo as circunstâncias em que se movem os sujeitos.

O diabólico, desse modo, parece ser tudo aquilo que, na ação coletiva, sectariza, segrega o diferente, inclui precariamente o pobre mais pobre, rechaça a identidade própria do outro. É diabólica a dominação de gênero, a exploração do oprimido que ao aderir à identidade do opressor, por sua vez, igualmente oprime o seu par – nas plurais formas de opressão possíveis em grupos marginalizados nas sociedades complexas. É diabólica a desapropriação da já baixa renda daquele que, todo o mês, é aviltado em sua dignidade e em seus recursos pela prática da agiotagem, tão presente em grupos populares que vivem no abismo da sociedade, apresentando-se, assim, um dos diversos modos e sentidos de desapropriação e exploração dos pobres.

No entanto, como afirma Boff,

a vida pessoal e social é urdida pela dimensão sim-bólica e dia-bólica. A nível pessoal é feita de amizades, de amores, de solidariedades, de uniões e de convergências. E ao mesmo tempo é atravessada por inimizades, ódios, impiedades, desuniões e divergências. A nível social vem caracterizada por lutas entre povos, entre sistemas sociais, entre classes, entre instituições e seus usuários. E, ao mesmo tempo, nela há convivência pacífica, pactos de solidariedade e convergências políticas em vista do bem comum das nações e do planeta. (Boff, 1998, p. 12-13)

Desse modo, jamais *diabólico* e *simbólico* conseguem anular totalmente um o outro, mas estabelecem um convívio como facetas distintas da realidade vivida, ao menos no campo simbólico, em que se delineiam as relações humanas. Nesse caso, não existe “pureza” porque diabólico e simbólico funcionam em regime de complementaridade e até mesmo de simbiose, podendo produzir o

novo no hibridismo que se desenha à realidade e, naquilo que no plano do imediato parece o ponto final, pode fazer surgir o mal aparentemente irremediável ou a solução tão sonhada conforme as escolhas dos indivíduos, que sempre são sujeitos das circunstâncias.

Essa compreensão contribui para a análise sociológica, porque nos impede de cedermos às explicações simplistas e apressadas sobre o cotidiano na Associação, ao sabor de argumentações já legitimadas a partir do campo da Educação Popular, capazes de gerarem leituras idealizadas e românticas da periferia, do trabalho com o refugo ou da pobreza e seus interditos. Igualmente, impede que sejam delineadas percepções niilistas, desesperançadas e maniqueístas da ação coletiva em torno da rotina do trabalho dos sujeitos no local da pesquisa, ignorando o papel das subjetividades na produção da história individual e coletiva.

### **As tramas e as manhas**

Algo necessário de se estudar são as tramas em que os recicladores tecem suas redes de sociabilidade, enfrentando os desafios da sobrevivência no limite material, e da inserção precária no sistema social vigente. A trama se refere “ao modo como a vida cotidiana se propõe a todos e a cada um” (Martins, 2008, p. 11). E, no acompanhamento sistemático das atividades desses recicladores e dessas recicladoras é possível captar algo de seu cotidiano, dividido entre a arte de fazer do descarte matéria-prima, lidar com os parceiros de Associação e enfrentar a labuta dura da vida enraizada na periferia, sem estrutura mínima, sendo alguns deles alijados da presença material da maioria dos direitos sociais, supostamente, assegurados nas políticas públicas.

O cotidiano dos recicladores revela tramas que anunciam cultura e modos de vida singulares das pessoas simples - das que vivem no limite material -, tanto quanto, anunciam sentidos e práticas culturais, que não se esgotam no dia a dia de seus saberes e fazeres elaborados na inserção e na ação rotineira da engrenagem produtiva do Galpão que, vale ressaltar, transcende e rompe mesmo com a lógica fabril, que o senso comum aguardaria de associações desse gênero. Aliás, os tempos e as escalas de trabalho têm um ar de familiar ali, sendo definidos mais por humores e por amores do que pela instância administrativa.

Sobre as tramas, me recordo de uma que me foi contada por uma das recicladoras que nomearei de Giseli e trata de sua inserção como associada no Galpão. Segundo a mesma, a sua chegada à Associação se definiu pelo desengano de sua filha por parte dos médicos pelos quais era atendida, em função de uma enfermidade congênita. Giseli disse ter feito uma promessa: caso sua filha se curasse ela faria uma festa para crianças e não cortaria o cabelo da menina até os sete anos.

Giseli, a filha mais velha e o esposo precisavam revezar horas de atendimento em atenção à pequena, para que recebesse o medicamento na hora certa. Assim, uma oportunidade de trabalho na associação de reciclagem lhe pareceu interessante por não existir uma relação nos moldes patrão-empregado e, por causa disso, haver uma flexibilidade que viabilizaria o atendimento à sua filha em casa, localizada nas proximidades do local de trabalho. A menina, ao cabo dos sete anos estava curada e, depois disso, foi cortado o seu trançado cabelo que figurava, até então, como parte do acordo da mãe com Deus. Após essa trama toda, Giseli celebrou a cura da menina com oração e comes e bebes na Associação, ressaltando a distribuição de frutas na ocasião, conforme a sua narrativa.

A trama da enfermidade, associada à ausência de recursos fornecidos pelo Estado e os limites da medicina convencional, levou Giseli a optar pela *manha* do apelo no campo do espiritual, em um ajuste entre ela e a representação que tinha da dimensão do sagrado. Um acordo com o sagrado aqui representa uma abertura para outra via de cura, frente ao esgotamento de possibilidades pelos meios terapêuticos tradicionais, e a interdição que a pobreza impõe, para a busca da opinião abalizada de profissionais da saúde. Não podemos esquecer que a pobreza material estabelece até mesmo limites de trânsito dos sujeitos na cidade.

A procura pela alternativa espiritual se configura, aqui, em uma forma de resgate de um sagrado negado na racionalidade moderna, inserindo-se no que Melucci (2001) definiu como sendo um núcleo antagonista da busca espiritual em nossas sociedades complexas.

A racionalidade instrumental tem restituído o mundo à ação dos homens, mas também tem negado qualquer possibilidade de transcender o existente, tem negado o valor para tudo aquilo que não coincide com o agir eficaz. A sociedade se torna um sistema de aparatos que se identifica com o seu fazer e que não tolera a diversidade. O sagrado ressurgente então como apelo ao outro possível, como voz daquilo que não é dado mas poderia ser (Melucci, 2001, p. 122).

Assim, verifica-se a barganha com o sagrado como uma resposta ao limite que se impõe e, ao mesmo tempo, uma abertura à resolução diferente do que as circunstâncias parecem encaminhar. Trata-se de uma resistência ao destino infausto de uma criança pobre, frente à doença de tratamento inviável para as classes populares. Aqui a crença, o ritual e a presença da transcendência, inscritos em uma cultura religiosa sincrética, se manifestam como alternativa ante a ausência e a ineficiência do circunscrito e do profano. A representação constituída pelo imaginário popular cumpre um papel compensatório ante a dilaceração do indivíduo e de sua vida pelo trabalho e miséria, em uma manifestação de crenças não apagadas pela desertificação simbólica promovida no âmbito do paradigma da racionalidade moderna<sup>4</sup>.

Para Freire (2006) nós todos carregamos, ao longo de nossa existência, a memória das muitas tramas vividas, trazemos o corpo encharcado da nossa

história produzida com o mundo e com os outros homens e mulheres, em um processo em que inventamos a cultura e nos refazemos ao construirmos a nossa própria historicidade. As narrativas dessas tramas são de uma riqueza simbólica impossível de definir em poucas linhas e é através daquelas que estas ganham ou atualizam sentidos do cotidiano vivido nas trajetórias das recicladoras e dos recicladores. Tais narrativas podem se constituir em material de primeira relevância na produção da pesquisa social com grupos populares e, nesse caso, os recicladores, podendo estabelecer belas contribuições para o campo da Educação Popular e Ambiental.

Para o sujeito sobreviver, no desdobrar das tramas, elabora as suas *manhas*. As manhas são soluções imediatas a toda e qualquer situação-limite que, segundo Freire (2003), consiste naquela circunstância existencial que desumaniza sujeito, impedindo-o de dar expansão plena à sua vocação ontológica de *ser mais*. As manhas podem ser identificadas num *jeitinho* ou numa fala dúbia, na contradição entre o que é dito e o que é realizado, levada a efeito no descumprimento de acordos com terceiros e dos sujeitos entre si, pelos motivos mais variados.

O silêncio em reuniões e assembléias tem denotado, algumas vezes, a relação de pessoas que não se sentem autorizadas a dizer a sua palavra no Galpão e, talvez, mais uma manha para se evitar o conflito direto com o poder masculino que se manifesta claramente na Associação. Esse último tem se imposto através da medição simbólica de força, do grito, da demarcação de territórios, por mais curioso que pareça, com pinturas no chão referente ao espaço de trânsito permitido junto à prensa ocupada, comumente, por um dos associados, por exemplo.

Essa prensa, utilizada para compactar fardos de material reciclável para a venda aos atravessadores, na ausência do associado que se utiliza normalmente dela, fica desocupada, desfalcando a produção. Ela é referida como equipamento do *fulano de tal*, denotando, nesse caso, como em outros, que o uso privado se impõe no espaço coletivo e cooperativo da vida comunitária do Galpão. Há ainda, uma série de adornos junto à prensa ou em painel improvisado próximo com imagens referentes a um clube de futebol, sátira com o clube rival e a presença de imagens de nus de modelos consagradas na mídia, oriundas de revistas encontradas entre os resíduos sólidos que chegam à Unidade. Mais uma vez, a questão de gênero desponta, solicitando ser percebida e analisada pela pesquisa, destacando as diferenças nos grupos sociais que não podem e nem devem ser enquadrados sociologicamente em concepções teóricas homogeneizantes.

## **Sociabilidades e abertura à outredade na hora do café**

Gostaria ainda de tecer breve consideração sobre o momento do café no Galpão. Esse hábito se reveste de um caráter ritualístico e simbólico. Tem o seu horário religiosamente obedecido por todas e todos, jamais interrompido na

chegada de autoridades, descarga de material ou presença de visitas. Algumas mulheres preparam pães, bolinhos, polenta com salsicha e partilham entre si. Outros juntam trocados para comprar o pão, manteiga, linguiça, etc. Enfim, todos formam livremente grupos seguindo o critério de afinidades entre leituras de mundo, gostos, crenças e humores – muita coisa é regida pelo estado de humor no Galpão. Esses grupos se localizam em diferentes áreas conforme o bem-querer, fenômeno que se reflete até na disposição da ordem de pessoas nas mesas de triagem.

Tenho tido aprendizagens bem significativas nesse espaço de convivência, para a minha inserção e legitimidade junto ao grupo. Quando observo e participo do café, onde sempre me oferecem algo, mesmo que eu não tenha trazido nada, percebo que desfilam diálogos sobre os cuidados com os filhos, a luta por ampliar a casa para atender melhor a família, novidades da comunidade, trocas simbólicas sobre crenças religiosas, partilhas de receitas de chás e de vivências junto ao posto médico, entre outros temas que surgem e as críticas à coordenação do Galpão que, se são silenciadas nas reuniões coletivas, são comumente verbalizadas nos bastidores da conversa informal das refeições.

Fica evidente que o que conecta as pessoas no seu trabalho e nas intervenções educativas propostas no Galpão, até então, é o elemento afetivo, a confiança que nasce por meio do diálogo entre os pares, em uma relação de mútuo respeito e horizontalidade. Aliás, a respeito do diálogo, elucidam-nos Freire (2006, p. 120) de que enquanto relação democrática, “o diálogo é a possibilidade de que disponho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenece no isolamento.” Assim, a busca pelo outro denota a formação de uma parceria, de uma rede de relação que livra aquele que procura o outro, na ação dialógica, da desumanização.

Nessa perspectiva, não se deixa de ressaltar o diálogo intersubjetivo como uma relação horizontal entre A e B, que faz frente em relação ao esgotamento do anti-diálogo e à desertificação afetiva, edificada na lógica social que ora o reforça. O diálogo se nutre do amor, de humanidade, de esperança, de fé e de confiança recíproca que se estabelece na ação comunicativa entre os sujeitos do diálogo. E como recorda Freire (1982, p.39): “quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de empatia entre ambos”. Desse modo, o diálogo autêntico se fundamenta e se nutre do amor, da aposta na relação com o outro.

Para que diálogo autêntico se efetive no encontro com o outro é fundamental o ato de ouvir, que se consubstancia como a virtude pedagógica de saber escutar. Tal virtude é indispensável ao sujeito que assume pretender estabelecer uma relação dialógica com o outro, “exigindo deste o exercício de aprender a ouvir de tal forma que, não se vendo arrogantemente acima daquele com quem fala, escuta pacientemente e criticamente o discurso do outro”. (Fischer; Lousada, 2008, p. 301).

Saber ouvir é o que torna possível a comunicação entre os sujeitos. E, dessa forma, ouvir implicaria uma disponibilidade permanente do sujeito que ouve a fala do outro, abrindo-se a esta, ao gesto e à identidade própria do outro – outredade – que faz uso da palavra. Aquele que ouve não se anula, não é mero objeto da exposição alheia, ao contrário disso, participa do ato dialógico, exercitando, inclusive, o direito democrático de discordar, de opor-se e de tomar posição ante a palavra exposta pelo outro. Aqui é muito importante declinar que o significado de outredade traduz a identidade própria do outro e, que, somente a escuta da mesma permite o exercício pleno da dialogicidade nas relações humanas, porque a assunção respeitosa da diferença é a base para o estabelecimento da confiança, sem o que não há encontros comunicativos e conectivos entre os indivíduos.

Nas sociabilidades entre os recicladores encontramos indícios desse jeito de *ser-de abertura* ao mistério do outro, assumido a partir de uma escuta sensível e, não raramente, apaixonada – no sentido de estar emocionalmente implicada com o outro -, em uma relação de troca simbólica complexa, dinâmica, contraditória e complementar entre os sujeitos. Nessa combinação simbólica observo algumas tentativas desses homens e dessas mulheres de, nem sempre, classificarem previamente seus pares, admitindo mesmo as suas outredades (identidades próprias dos outros) que, por sua vez, são refeitas nas relações sociais e na tessitura de seus itinerários.

Outras vezes, quando convém, o grupo lança mão da estigmatização, para desautorizar algum associado ou a sua palavra, conforme convém ou parece ser necessário, sobretudo, quando o mesmo ensaia uma forma possível de empoderamento e crítica ao colegiado de coordenação do Galpão, colocando em dúvida o *status quo* da liderança masculina, ausente no concreto do trabalho cotidiano, e daqueles que nela se aconchegam - ora recolhendo proteção pessoal, ora efetivando a manutenção da sobrevivência ou do poder conferido aos que pertencem, de alguma forma, ao colegiado de direção.

Entretanto, esses homens e essas mulheres carregam consigo em suas memórias e saberes, trajetórias marcadas pela saída do interior do Rio Grande do Sul por causa da pobreza ocasionada pela escassez do trabalho e da renda, participando de uma espécie de êxodo que se manifesta numa desterritorialização que se tenta superar no enraizamento na periferia.

Entenda-se a periferia como um espaço urbano que se constitui em resultado concreto da especulação imobiliária, com as suas ruas estreitas, com a presença minguada de praças e de espaços planejados de lazer, contendo terrenos apequenados e ajuntados, ocupados, nesse caso, por casas inicialmente planejadas em projetos populares de assentamento urbano, reapropriados, por sua vez, pelos sujeitos moradores que recriam seus espaços simbolicamente e concretamente, instituindo jeitos de morar e viver personalizados. Contudo, de maneira geral, as casas no entorno do Galpão são de reduzido espaço físico, combinando a presença de cachorros e plantas, em condições de higiene pró-

prias das zonas mais pobres da cidade, variando conforme usos e costumes de seus moradores. Todavia, vale lembrar que, na zona periférica da cidade, se confundem materialidades comuns à vida no campo com o modo de vida urbano que, da sua parte, tenta edificar a presença da modernidade junto às classes populares, com a sua assepsia visual, homogeneização dos espaços na concretização da cultura industrial de forma precária.

Diferentemente do que diz Martins (2008), embora haja a presença do que ele nomeia de sujeira, as plantas medicinais são presença marcante nas residências da periferia, seja como adorno, proteção espiritual – espada de São Jorge ou arruda –, ou ainda, como medicação substitutiva aos remédios alopáticos – deixados de lado por motivo de ausência de recursos pecuniários e, também, em função de uma tradicional crença em torno do potencial curativo dessas ervas. Aliás, esse saber é bem presente nos diálogos entre as associadas, se levarmos em conta os usos que fazem não domesticados pela prática educativa convencional, mas trazidos a partir das memórias referentes às trajetórias anteriores à presença no Galpão, aprendido com os mais velhos de suas configurações familiares, na zona rural do interior do Estado do Rio Grande do Sul, ou junto de inserções, as mais sincréticas, no campo da espiritualidade.

O enraizamento na periferia, combinado a uma inserção na rotina de trabalho do Galpão, elabora uma forma de pertencimento do sujeito como elemento produtivo da comunidade, como potencial consumidor de bens culturais e materiais – no limite do possível. Entretanto, esse pertencimento é matizado por uma aparente transitoriedade da condição de associado, no caso daqueles e daquelas que estão vinculados à Associação. Não é raro identificar nas falas de alguns sujeitos referências quanto a estarem trabalhando na reciclagem (efetivamente triagem) temporariamente, até *arrumarem* coisa melhor ou voltarem a conviver com familiares em outra localidade. O interessante é que o imaginário e o discurso da crença na transitoriedade da condição de associado parecem mesmo renovar e atualizar o sujeito frente à sua condição de indivíduo condenado à rotina e à mesmice do repertório laboral.

### **Em busca de uma sociologia das ausências e/ou emergências**

Os estudos sociológicos empreendidos por Santos (2004), nesse sentido, se voltam contra o desperdício da experiência produzido pela lógica razão indolente, em contraposição argumentativa à postura científica clássica e dogmática, que negligencia o que se configura em conhecimento produzido às margens da globalização neoliberal hegemônica, na práxis dos novos movimentos sociais predominantemente do *sul*. Esses movimentos e grupos sociais potencializam práticas culturais e saberes em outras lógicas não absolutamente dóceis à racionalidade moderna ocidental, muito embora, estejamos cientes de que é na esteira de sua tradição que se esboça essa ruptura possível.

A pretensão, do que poderíamos chamar de movimento intelectual no cerne dos estudos das Ciências Sociais e de práxis política no qual Boaventura e seus colaboradores se inserem se destina a ouvir, registrar, apreender, traduzir e colocar em evidência - com possibilidades múltiplas de partilhas entre sujeitos sociais afins para com esse propósito - o que têm a dizer práticas sociais, as culturas e os movimentos de caráter alternativo, comumente apresentados pela racionalidade científica como não existentes, sem crédito de possibilidade, inferiores ou primários.

Logo, a alternativa à razão indolente está em uma tal práxis científica nomeada por razão cosmopolita e, para que a mesma se efetive, são necessários três procedimentos sociológicos fundamentais: a sociologia das ausências, a das emergências e o trabalho de tradução entre os saberes. Para tanto, algumas premissas se apresentam como indispensáveis a esses encaminhamentos sociológicos no campo da pesquisa dos movimentos, grupos sociais e ações coletivas: uma compreensão mundana para além da leitura simplesmente ocidental do mundo, a admissão da historicidade e da dimensão cultural da forma de organização do poder social e, ainda, uma ruptura com a tradição linear de entendimento do tempo propondo a expansão do presente da experiência social, tendo em vista a sua valorização.

Na expansão do presente ou presentificação no estudo sociológico, o referido autor inscreve a sociologia das ausências compromissada com a superação do desperdício da experiência social alternativa. Para contrair a leitura do futuro em uma tentativa de superação do fatalismo histórico de esquerda ou de direita, que indica o futuro social como a inexorável efetivação de um projeto social unívoco, inscrito no discurso da modernidade, apresenta uma sociologia das emergências. Essa última vem, no estreitamento do futuro, transcender uma concepção imobilista da história e edificar uma *sociologia sensível* liberta do encarceramento de uma teoria geral meramente fragmentadora da complexidade das práticas sociais, dos saberes e fazeres efervescentes produzidos no conjunto das mesmas.

Aliás, a perspectiva teórica da sociologia das emergências acaba por me remeter ao que Melucci (2005) chamou de sociologia reflexiva. Para esse sociólogo e psicólogo italiano é importante para as Ciências Sociais o aprofundamento do estudo da ação dos indivíduos no grupo social, o que evitaria a diluição do ator social no ente coletivo abrindo a investigação, dessa forma, aos dados referentes ao papel da subjetividade nas ações coletivas e, igualmente, à questão dos fins da ação presentes na própria ação. Com esse olhar sociológico o autor contribui para a formação de uma prática de pesquisa capaz de produzir análises para além de um ponto de vista homogeneizante sobre o mundo social.

Nessa tendência sociológica ganha destaque a reflexividade do pesquisador, ou seja, a assunção do fato de que o mesmo está sempre situado em um contexto e que a produção de conhecimento científico depende do lugar ocupado pelo sujeito no campo de pesquisa. Nesse sentido, não há espaço para

qualquer pretensão de neutralidade para o pesquisador em sua investigação, entendida sempre como uma forma de intervenção no campo da pesquisa. Enfim, a produção da pesquisa implica as circunstâncias em que o pesquisador atua, ou seja, como se relaciona com os atores pesquisados, o seu grupo de pertença na comunidade acadêmica, suas filiações teóricas e como produz conhecimento sobre o objeto de seu estudo.

Assim, retomando a sociologia das emergências de Santos (2004), tão em sintonia com a perspectiva sociológica de Melucci (2001 e 2005), surge, segundo o primeiro, a premência do trabalho de tradução. Isso se refere ao esforço da investigação das ações coletivas alternativas em produzir uma inteligibilidade capaz de ser mutuamente partilhada entre os atores sociais engajados nessas práticas, de modo a não diluí-las numa teoria totalizante – obsessão da razão metonímica – liquidando com as identidades desses grupos alternativos.

Comprometida em dar visibilidade a diferentes grupos sociais e, pautada nisso, fazer das ausências intencionais da racionalidade moderna práticas e saberes emergentes, a sociologia das ausências se apresenta como um caminho possível da investigação no campo do social que transgride a negação da presença do outro que é distinto e do saber constituído em outras formas de racionalidade, trabalhando pelo reconhecimento de outras práticas sociais dos sujeitos e por uma ecologia de saberes<sup>5</sup> como contraponto à monocultura do saber.

A ação investigativa etnográfica com recicladores e recicladoras parece se inserir nesse campo das sociologias das ausências, pois, volta o pesquisador para a convivência e ao saber escutar os sujeitos sociais que estão no limite, normalmente silenciados quanto ao direito de manifestarem a sua leitura de mundo, mas, que não se resignam ao silêncio, apesar da invisibilidade pública a que são acometidos, em uma sociedade norteada por um *modus vivendi* demarcado pela opulência material de poucos, produtora da inclusão precária de muitos, em formas diversificadas de indigência material e intelectual.

A expectativa que tenho para a pesquisa social com recicladores e recicladoras – campo recente e de pouca produção de teses de doutorado<sup>6</sup> no âmbito da Educação, por exemplo –, longe de qualquer idealização populista, está justamente no sentido de atentarmos, educadores, sociólogos, antropólogos e outros pesquisadores em buscar – no residual de falas, gestos, memórias, imagens, rituais cotidianos, instituídos no quefazer do trabalho de triagem ou reciclagem de resíduos sólidos, nos momentos de festa, nos encontros comunicativos passíveis de observar/participar – traduzir o diabólico e o simbólico que permeia as sociabilidades na vida pulsante e dinâmica dos galpões.

Parece-me necessário que aprendamos na prática investigativa com os grupos de reciclagem a procurar conhecer o contraditório, a complexidade da teia de sentidos e partilhas de elementos simbólicos, assim como, o embate e a complementaridade entre a rotina, o trabalho, o poético e o prosaico. Esses são aspectos do cotidiano da A. R. E. Rubem Berta que compreendo como passí-

veis de tradução (Santos, 2008) através da descrição densa (Geertz, 1978), da narrativa apoiada na observação participante como possibilidade metodológica para o campo da pesquisa em Educação Popular e Ambiental, dando conta de compreender alguns saberes e os desdobramentos dinâmicos da produção material e simbólica desse grupo social.

Recordo que tradução, na discussão proposta por Santos (2008), significa o trabalho intelectual e político de inconformidade provocada pela douda ignorância<sup>7</sup> que traz à baila o caráter insuficiente do conhecimento das Ciências Sociais, quando inseridas na lógica monocultural de produção de conhecimento, a respeito da diversidade de práticas e de saberes produzidos pelos povos e comunidades colocados à margem.

O trabalho de tradução pretende colocar, em regime comunicativo, práticas e saberes de grupos sociais diferentes, de mundos sociais diversos, e estabelecer mediações possíveis entre esses grupos, evitando-se o desperdício das suas experiências, tornando-as visíveis e inteligíveis aos demais setores da sociedade, por outros grupos e movimentos sociais, para o meio acadêmico, enfim, mediando a comunicação partilhada de suas práxis e de saberes de todos para com todos.

*Recebido em junho de 2009 e aprovado em setembro de 2009.*

#### Notas

<sup>1</sup> Realizo, orientado pelo Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer (PPGEDU/UFRGS), o Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), na linha de pesquisa “Educação, culturas, memórias, ações coletivas e Estado”, com o projeto de tese “Saberes, fazeres e sociabilidades dos recicladores da Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta”. O objetivo desse projeto está em compreender pela via etnográfica quais são os saberes, fazeres e as sociabilidades dos recicladores dessa Associação.

<sup>2</sup> Refiro-me à ação educativa proposta no Projeto Reciclando Vida (Fischer, 2008), levado a efeito na Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta e coordenado pelo Prof. Fischer, cuja duração foi de outubro de 2005 a maio de 2008. Este projeto se inspirou nas contribuições combinadas das seguintes áreas do conhecimento: Educação Popular, economia popular e solidária e educação ambiental. Objetivamente, o projeto se propôs a criar alternativas de sustentabilidade para a A. R. E. Rubem Berta promovendo o fortalecimento sócio-econômico da reciclagem e oportunizando a elaboração de novas tecnologias de gestão e produção de forma orientada e assessorada, procurando proporcionar, dessa forma, uma melhoria significativa na qualidade de vida dos recicladores, a partir dos ganhos, gerando benefícios socioambientais. Atuei nesse projeto como coordenador pedagógico de setembro de 2007 a maio de 2008.

<sup>3</sup> Nosso grupo de pesquisa é formado por Tiago Cargnin, pesquisador do Estudo do Perfil Sócio-educacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho (MEC/SECAD/UFRGS/

FACED), Fernanda Capes Mello, bolsista PIBIC/CNPQ e pelo Prof. Fischer (PPGEDU/UFRGS).

- <sup>4</sup> Conforme Lousada (2006) e Unger (2000 e 2001) a razão moderna sob o jugo de uma voracidade intelectual desenfreada dissecou a Natureza, pretendeu devassar os seus mistérios com o bisturi da ciência materialista tornando-a inteligível. No momento histórico em que a ciência e a técnica cederam à impertinência do desejo de dominação em relação ao mundo e à racionalidade econômica, elas passaram a produzir o desencantamento do mundo, ou seja, a sua desertificação simbólica e, por isso, a recusa de qualquer horizonte de transcendência.
- <sup>5</sup> Segundo Santos (2008) a ecologia de saberes consiste na possibilidade de diálogo e da comparação entre saberes distintos, considerando a pluralidade infinita destes no mundo e reconhecendo a parcialidade de cada saber em lidar com os outros a partir de si, bem como, a sua interdependência e diversidade.
- <sup>6</sup> A recente pesquisa que realizei no Portal do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) revelou duzentas e vinte teses, sendo que, na área de conhecimento da Educação podemos enumerar um total de apenas três teses de Doutorado.
- <sup>7</sup> Para Santos (2008, p. 17) “Ser um douto ignorante no nosso tempo é saber que a diversidade epistemológica do mundo é potencialmente infinita e que cada saber só muito limitadamente tem conhecimento dela.” Ou seja, saber dos limites epistemológicos e de experiência a que somos acometidos diante da sociodiversidade do mundo, da pluralidade de práticas culturais, saberes e fazeres e, por que não dizer, das variadas formas de sociabilidade.

## Referências

- BOFF, Leonardo. **O despertar da água: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FISCHER, Nilton B. & LOUSADA, Vinícius L.. In: STRECK, Danilo. Redin, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- FISCHER, Nilton B. **Projeto Reciclando Vida na Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta**: Relatório Técnico Final - Auxílio Individual – Nilton Bueno Fischer - processo 553460/2005-6, Brasília-DF: CNPQ, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LOUSADA, Vinícius Lima. **Das ondas que se fizeram mar em Rio Grande**: a construção de um projeto de educação ambiental no entrelaçamento das trajetórias de vida dos seus autores. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

SÁ, José Guilherme da S. **No mesmo galho: ciência, natureza e cultura nas relações entre primatólogos e primatas**. Rio de Janeiro: PPG Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente: “um discurso sobre as ciências” revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal**. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 11-43.

UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano**: ecologia e espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente**: o recado do rio. São Paulo: Cortez, 2001.

Vinícius Lima Lousada é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS e educador licenciado em pedagogia (FURG). Bolsista CNPq, atua como pesquisador na Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta, em Porto Alegre/RS.

E-mail: vlousada@hotmail.com